

O fio na boca: entre a língua vibrátil e a linha de fuga

ARYANE BARBADO¹; MARTHA GOMES DE FREITAS²

¹Universidade Federal de Pelotas - aryaneblima@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marthagofre@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esta escrita elabora-se a partir de reflexões a respeito de minha pesquisa poética no campo das artes visuais, orientada pela prof^a Martha Gomes de Freitas, junto ao projeto de pesquisa *Estudo sobre a Profundidade*. Neste percurso reflexivo, apresento a vídeo-performance */im/palatável* (2025) como ponto central para tecer as relações entre a língua vibrátil e a linha de fuga, num caminho onde o corpo, a linguagem e o silêncio perpassam a boca como território de fricção. Para isso, tramarei um encontro entre textos e termos elaborados por Suely Rolnik, Gilles Deleuze e Félix Guattari, além de demarcar pontos de tensionamento junto a obra *Baba Antropofágica* (1973), de Lygia Clark e fragmentos literários de Clarice Lispector.

2. METODOLOGIA

“A boca secara demais, passei uma língua também seca pelos lábios ásperos.” (Lispector, 2009, p.42). Clarice Lispector nos oferece a imagem brutal e íntima de um corpo que se reconhece na falta e na ausência; uma boca seca, que insiste em lambe-se com uma língua igualmente árida, como quem procura saliva para movimentar-se em linguagem. Um gesto mínimo de sobrevivência e desejo, onde a matéria da palavra – a boca, a língua e os lábios – se expõe em sua precariedade. Ali a boca, casa da língua e da linguagem, é fenda que fricciona o corpo, não pela fluidez, mas pela aspereza do árduo esforço de manter-se viva no contato consigo mesma e com o mundo. É numa aproximação a essa boca, ao encontrar na sua secura a falência da palavra enquanto som e voz, que */im/palatável* (Figura 1) se elabora; tensionando um corpo que movimenta-se entre necessidade e recusa, entre contato e resistência, entre deglutição e o estado ruminativo. A língua, órgão vibrátil, não se entrega à incorporação; percorre, toca, corrói, insiste.

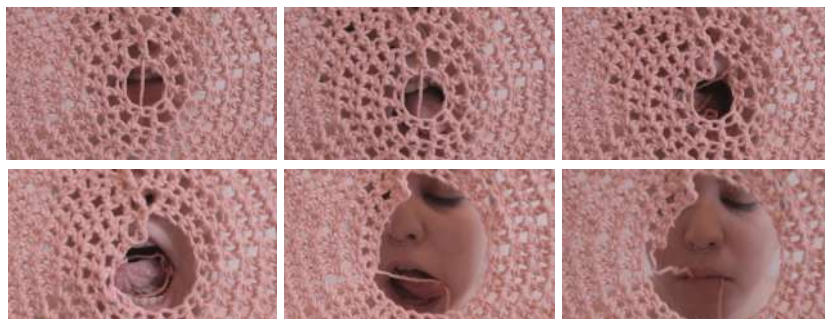


Figura 4: Aryane Barbado. */im/palatável*, 2025. Videoperformance, 5'11".

A vídeo-performance */im/palatável* (2025) se instala no espaço liminar entre boca e fio, língua e fuga, gesto e silêncio. Um rosto encoberto por uma trama de crochê rosa pálido, tecida ponto a ponto, no encontro da agulha com minhas mãos – essas últimas carregando vestígios das inscrições sobre os corpos das mulheres, diz daquilo que perpassa a manualidade dos fazeres artesanais

situados no âmago dos lares. No centro da trama, um vão circular se abre – um convite – e dele pende uma linha, frágil, suspensa, à espera de ser tocada. Surge então a boca. É ali que a língua vibrátil emerge, úmida e inquieta, enrolando a linha, desfazendo pontos, ampliando o vão, desvelando o rosto. Linha e língua entram e saem da boca, ora mastigadas, ora regurgitadas, num constante estado ruminativo: nunca engolir, nunca deglutir... nunca concluir.

Um gesto insistente que invade a boca permanecendo entre o dizer e o não-dizer, entre corpo e linguagem. O plano fixo do vídeo concentra o olhar na fricção entre carne e fio. A trama de crochê num tom rosa pálido aproxima-se da cor da língua que enlaça a linha; assim, língua e linha se misturam uma na outra, revelando uma espécie de camuflagem da linha sobre a língua, ou ainda, como extensão do próprio órgão condensada entre o captura e fuga. Por sua vez, o crochê, símbolo de estabilidade, transforma-se em dispositivo de desfazimento; a língua, instrumento de linguagem e desejo, percorre o fio que escapa, traçando trajetórias que deslizam para fora do controle e da normatividade.

O título */im/palatável* atua como abertura simbólica: remete ao que não se deixa engolir, ao que resiste à assimilação, e ao palato, espaço da boca onde a língua roça, vibra e articula. A barra oblíqua sugere instabilidade, corte, hesitação: quase palavra, quase gesto, quase corpo. O prefixo negativo, “im”, nega o palatável, o que poderia ser digerido ou incorporado. Entre som e sentido, gesto e norma, língua e linha, o título performa a tensão central da obra: o encontro da língua junto a linha, entre uma dança e uma (des)costura da linha de fuga junto a língua vibrátil, que busca escapar à incorporação, e percorrer, tocar, corroer e insistir... e por fim, revelar o que habita seu avesso.

Clarice Lispector sussurra: “Tenho que falar pois falar salva. Mas não tenho uma só palavra a dizer. As palavras já ditas me amordaçaram a boca.” (Lispector, 2016, p.297). Entre essas palavras, */im/palatável* se move: a boca insiste, mas não se submete; a língua se projeta, enrola desmancha e vibra; o fio habita a boca, escapa da trama e retorna, traçando linhas de fuga que percorrem corpo, memória e desejo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O fio na boca: entre a língua vibrátil e a linha de fuga não é apenas título que rege esta escrita, mas é também mapa conceitual do trabalho. A linha que entra na boca não fecha um círculo, mas abre passagens: desfaz a ordem do crochê e, com ela, a trama que normatiza corpos e gestos. A língua, vibrando sobre esse fio, opera como vetor de desorganização. E aqui encontramos dois termos centrais s minhas elaborações poéticas e ao enlace de */im/palatável*: a *língua vibrátil* e a *linha de fuga*.

Pensar a língua como vibrátil é assumir que ela não se reduz à função instrumental da palavra, mas se abre como zona de intensidade, de ressonância sensível. Em */im/palatável*, a língua não apenas toca: ela pulsa, enrola-se no fio, desfaz tramas, tensiona o gesto. É nesse movimento que o trabalho encontra o conceito de *corpo vibrátil*, proposto por Suely Rolnik, esse corpo que não é pura matéria, mas campo de afetos, superfícies que captam e reverberam o mundo (Rolnik, 2016). Trata-se de encontrarmos pontos de fricção que intensifiquem a criação de novos modos de existência junto ao mundo, e isso só é possível ao acionarmos “uma potência específica do sensível” (Rolnik, 2016, p. 12), acionarmos o corpo vibrátil e, por consequência, a língua vibrátil. Nesse sentido, ao pensarmos a aproximação do conceito junto a */im/palatável*, a língua vibra

porque, em seu encontro junto ao mundo, escuta; ela não fala para significar, mas para sentir, corroer, desfazer – gesto repetitivo e radical, onde a normatividade começa a ceder.

Como linhas de fuga ao tensionar a invenção no entre: entre carne e matéria, entre desejo e norma. Retomando assim o gesto mínimo – enrolar, desmanchar, ruminar – e instalando um campo de forças onde o corpo não apenas age, mas cria novas condições de existência. Gilles Deleuze e Félix Guattari já antecipavam esse movimento ao trazerem o conceito *Linha de Fuga* como um deslocamento que não foge para um fora, mas que se inventa neste entre: entre corpo e linguagem, entre silêncio e vibração. Cada ponto desfeito é uma *linha de fuga*, um corte na ordem; uma falha aberta na normatividade que organiza os corpos das mulheres e seus gestos. Ao desfazer o crochê – esse fazer doméstico, repetitivo, carregado de silêncios – a língua cria sua própria sintaxe, uma língua que não quer ser funcional, mas vibrátil. O crochê, símbolo de estabilidade e cuidado, cede ao toque úmido e insistente: vira matéria que escapa ao destino de formação, para então tornar-se gesto de deformação.

Entre língua e linha, a boca se faz território de confronto: espaço de fala, mas também de silêncio; de gesto íntimo e de insubmissão. O fio, matéria frágil, insiste em habitar essa cavidade, não como ornamento, mas como obstáculo e convite.

É neste ponto que *Baba Antropofágica* (Figura 2), ação realizada por Lygia Clark em 1973, emerge como um ponto de diálogo. Se na obra de Clark a baba, linha de algodão úmida de saliva, foge da boca e cria um circuito entre corpos, propondo uma experiência coletiva e visceral, – ou como diria a própria artista posteriormente, “um estado de arte sem arte” (Clark, 1980, p. 28) – em */im/palatável* a linha recusa o outro e se volta para dentro, instaurando um devorar sem deglutir. Não há exterioridade possível. A língua enrola, rumina e regurgita a linha, como quem testa os limites de sua incorporação. A relação não é de troca, mas de confronto interno, quase autofágico: um corpo e linguagem que tentam escapar de si, abrindo fendas na trama que o prende.

Há ainda um outro ponto de diálogo oferecido por *Baba Antropofágica*. Patricia Correa, em seu artigo intitulado *Linha como limiar, sonho e caminho* (2016), propõe um debruçar sobre as trajetórias da linha na obra de Lygia Clark. Ao tecer elaborações a respeito de *Baba Antropofágica*, a partir do recorte da linha, Correa situa assim o trabalho em direção a “um limiar que intensifique o corpo como (...) potência de transformação” (Correa, 2016, p. 296). Tal como */im/palatável*, para mim, este trabalho de Clark aciona o corpo vibrátil, e por consequência a língua vibrátil, como zona de criação, ativando com e por ele as intensidades do mundo e às forças invisíveis que o atravessam (Rolnik, 2018).

Essa tensão entre língua e linha, entre corpo e crochê, encontra ressonância na experiência da impossibilidade de dizer, naquilo que Clarice Lispector articula como o silêncio que aprisiona: “Mas minha palavra não é a última. Existe uma que não posso pronunciar” (Lispector, 2016, p. 352). Esta frase reverbera no gesto da vídeo-performance: a necessidade de dizer sem palavras, a urgência de falar quando a linguagem falha. */im/palatável* convoca essa impossibilidade. A boca ocupada pelo fio não articula sons, mas vibrações; não pronuncia, mas roça, lambe, insiste. A fala aqui não se dá pelo verbo, mas pelo atrito entre linha e língua. Como se cada ponto desfeito fosse também uma palavra não-dita, uma sintaxe clandestina, que se escreve no espaço entre saliva e silêncio. A língua não se deixa imobilizar pela gramática do poder, assim inventa sua própria forma de enunciação.

Em */im/palatável*, o corpo não fala: ele vibra. A língua não entrega o fio, mas insiste nele, como quem recusa a lógica do engolir e do concluir. Diferente da baba que escorre para o outro em Clark, aqui a saliva permanece como potência interna, matéria de fricção. Se a *Baba Antropofágica* se abre ao coletivo, */im/palatável* se fecha em um dentro que também é excesso: não se trata de comunicar, mas de tensionar; não se trata de partilhar, mas de resistir. Entre essas operações, o corpo encontra sua política mínima: o fio na boca como gesto que implode o sentido, que transforma o silêncio em matéria vibrátil, que inventa outras possibilidades de existir no contato entre carne e linha. Algo como em Lispector, ao dizer “Tentativa de sensibilizar a língua para que ela trema e estremeça e meu terremoto abra fendas assustadoras nessa língua livre” (Lispector, 2020, p. 94).

4. CONCLUSÕES

O fio na boca revela que falar não é apenas pronunciar, mas vibrar, ruminando gestos, linhas e silêncio; que a língua vibrátil não se entrega, mas, no campo das artes, transforma o crochê em espaço de intensidade e resistência; que o gesto mínimo cria trajetórias que escapam à normatividade e inventam novos modos de existir. */im/palatável* propõe que o corpo, ao comunicar, se abre, se tensiona e se torna território de invenção, onde cada ponto desfeito é em si linha de fuga.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CLARK, Lygia. Lygia Clark. Coleção Arte Brasileira Contemporânea. Rio de Janeiro: Edições Funarte, 1980.
- CORREA, Patricia. Linha como limiar, sonho e caminho. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 8., 2016, São Paulo. Anais... São Paulo: [s.n.], 2016. p. 290–299. Disponível em: http://www.cbha.art.br/coloquios/2016/anais/2016_anais_cbha.pdf. Acesso em: 25 ago 2025.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs - vol. 1: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2011.
- LISPECTOR, Clarice. A paixão segundo G.H. São Paulo: Rocco, 2009.
- LISPECTOR, Clarice. Onde estivestes de noite. In: LISPECTOR, Clarice. Todos os contos. São Paulo: Rocco, 2016. Disponível em: <https://aulasdathaisunitau.com/wp-content/uploads/2023/08/todos-os-contos-clarice-lispector.pdf>. Acesso em: 25 ago 2025.
- LISPECTOR, Clarice. Visão do esplendor. In: LISPECTOR, Clarice. Todos os contos. São Paulo: Rocco, 2016. Disponível em: <https://aulasdathaisunitau.com/wp-content/uploads/2023/08/todos-os-contos-clarice-lispector.pdf>. Acesso em: 25 ago 2025.
- LISPECTOR, Clarice. Um sopro de vida. Rio de Janeiro: Rocco. 2020.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental*. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2016.
- ROLNIK, Suely. Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetina. São Paulo: N-1 edições, 2018.